

ENRAIZEIRAS: lembrando políticas do chão

JULIANA MARIA GRECA
DANIELA ISABEL KUHN

Juliana Maria é artista-docente da dança, coordenadora do Links Núcleo de Dança UTFPR. Licenciada em Educação Física (UFPR), Bacharel em Dança (UNESPAR), mestre em Artes (UDESC) e doutoranda em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). Desde 2013 é professora na UTFPR, atuando junto ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Seus projetos mais recentes foram: Histórias Dançadas – cultura popular em movimento; Dança e Economia Solidária; Grupo de Estudos em Videodança. Também trabalhou na criação dos filmes “Para o coração selvagem” e “Língua da terra”, onde foi responsável pelo roteiro, direção artística e de montagem. Atualmente se dedica à investigação e criação em Ecoperformance.

Contato: jugreca@gmail.com

Afiliação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6157255439986527>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8258-908X>

•86

Daniela Kuhn é artista-docente da Dança, coordenadora do Links Núcleo de Dança UTFPR. Bacharela e licenciada em Dança (UNICAMP), mestre em Artes Corporais (UNICAMP), doutora em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). Docente do curso de bacharelado em Educação Física da UTFPR. Desde 2019 atua como coordenadora e artista do projeto de extensão “Mulheres que Dançam: corpo e autoconhecimento”, investigando, movendo e criando no corpo metodologias que propiciem rupturas dançantes para a pulsão de vida.

Contato: danielakuhn72@gmail.com

Afiliação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8052541271348815>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1325-1661>

• **Resumo**

Em movimento de *re-enactment*, damos passagem à escrita deste artigo assumindo-o como um plano de composição da diferença, tendo por objetivo retornar e re-acionar a dança Enraizeiras. Neste re-fazer, acolhemos os seis planos de composição sugeridos por André Lepecki, os quais juntos neste texto, evocam a política do chão desde onde o dançamos-escrevemos. Perscrutando as discussões implicadas às dimensões de cada plano e a partir de suas ressonâncias, apresentamos as abordagens teórico-práticas vinculadas ao contexto afetivo e ao processo de criação das dramaturgias, de corpo e de cena, de Enraizeiras. Imagens contribuem para composição de uma escrita cartográfica. Amparadas pela perspectiva de descolonização do inconsciente, de Suely Rolnik, compartilhamos os possíveis contornos micropolíticos de nossa incursão epistemológica decolonial, enquanto práxis feminista e artística que lembra nossa política do chão: re-territorializar o corpo-território em devires-coisa imanentes ao território-terra. Afinal, infindáveis são os mundos que pedem passagem às suas raízes.

• **Palavras-chave**

Artista-docente, dança contemporânea, corpo-território, epistemologia decolonial, feminismos.

• **Abstract**

In the movement of re-enactment, we give way to the writing of this article by assuming it as a plan for composing difference, aiming to revisit and reactivate the dance Enraizeiras. In this re-making, we embrace the six planes of composition suggested by André Lepecki, which together in this text, evoke the politics of the ground from where we dance-write. Examining the discussions related to the dimensions of each plan and from their resonances, we present the theoretical-practical approaches linked to the affective contexts and the creation process of the dramaturgies, of body and scene, of Enraizeiras. Images contribute to the composition of a cartographic writing. Supported by Suely Rolnik's perspective of decolonizing the unconscious, we share the possible micropolitical contours of our decolonial epistemological incursion, as a feminist and artistic praxis that remembers our politics of the ground: re-territorializing the body-territory in becomings-thing immanent to the territory-earth. After all, endless are the worlds that request passage to their roots.

• **Keywords**

Teaching artist, contemporary dance, body-territory, decolonial epistemology, feminisms.

1. Arredores

Elucidações sobre as redondezas: trata-se de uma cartografia; neste texto nos movemos impulsionadas pelos seis planos de composição propostos por André Lepecki (2010)¹; acatamos as dez sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente descritas por Suely Rolnik (2018)²; ressoamos Deleuze e Guattari; nossa dança é nosso modo de (re)existir.

Ressaltamos que “um plano de composição é uma zona de distribuição de elementos diferenciais heterogêneos intensos e ativos, ressoando em consistência singular, mas sem se reduzir a uma unidade”(LEPECKI, 2010, p. 13). Um plano de composição confere a dimensão de um platô (DELEUZE e GUATTARI, 1995), a latitude por onde se movem intensidades, linhas de vida, desejos tecendo rizomas (ROLNIK, 2016).

Dito isso, a presente escrita inaugura conexões teórico-práticas que se tornaram evidentes depois do hiato de pouco mais de uma década entre a primeira leitura do texto “Planos de Composição” já mencionado, e a retomada de sua leitura em 2024. Em muito coincidem as problematizações aguçadas por Lepecki (2010) com a experiência viva, ampla e generosa dos acontecimentos do antes, durante e depois da dança Enraizeiras³ (2023). Este é o assunto desse artigo, o qual nos convida a (re)enraizar desde outro chão, compartilhando as potências dessa diferença.

A escolha pelo neologismo enraizeiras, evoca um modo de nomear para além do substantivo, é na condição de verbo que seu significado tece multiplicidades. Nesta dança, sua potência estética está ancorada na qualidade do corpo que reivindica suas raízes, ancestralidades. Raiz enquanto metáfora do desejo pelo subterrâneo, desejo por uma relação erótica com a terra, ímpeto da sensibilidade corajosa que desmantela superfícies, busca profundidade, cria espaços. Enraizeiras são aquelas que afirmam para si e aos demais que, de “uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma” (DELEUZE e

¹ “Planos de Composição”, caderno Cartografia – rumos Itaú Cultural Dança 2009-2010. Disponível em <https://issuu.com/itaucultural/docs/rumos_danca_criacoeseconexoes/14> Acesso em 08/04/2024.

²Disponíveis em<https://issuu.com/sistemasolar/docs/esferas_da_insurreic_a_o_suely_rolnik_excerto> Acesso em: 22/04/2024.

³ Release da obra, ficha técnica e demais Informações disponíveis em <https://www.instagram.com/p/Crjcw5FOJ_n/?img_index=6> <https://www.instagram.com/p/CsAAOsaMdPY/?img_index=6> Acesso em 03/12/2024.

GUATTARI, 1995, p. 23). Enraizar para reativar, reavivar, repovoar os imaginários, revolver às diferenças, ressensibilizar os corpos, os quais se acostumaram a caminhar em chãos insistentemente aplainados, violentamente desmembrados das características que lhe são mais inerentes: ser território de singularidades, sua ética de sustentação das vidas, acolhimento dos ciclos que a compõem e regeneram.

Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e tudo que existe (KRENAK, 2022, p. 43).

Sendo a cartografia uma linguagem coerente às transfigurações dos afetos e estas condizentes ao movimento rizomático⁴, optamos em sustentar a prática cartográfica também para a composição desse texto, ou plano da diferença. Ou seja, reafirmamos a fugacidade e permeabilidade dos contornos aqui compartilhados.

•89

2. Entramados

Três mulheres⁵ – brancas, latinas e com mais de quarenta anos - vivenciam na condição de artistas-docentes, rotinas de trabalho perpassadas por conteúdos, teorias, bases epistemológicas, práticas de ensino, pesquisa e extensão, e desenvolvem sensivelmente saberes acadêmicos, criando fissuras em metodologias rígidas. Nas tramas da vida cotidiana, essas mulheres “se aproximam via ressonância intensiva” (ROLNIK, 2018, p. 141) fruto da admiração mútua, amizade e pela afinidade ética acerca dos horizontes

⁴ Sobre Rizoma e suas características de movimento ver Deleuze e Guattari, 1995, p. 10-36. Disponível em < [Félix Guattari | 6 livros para download em PDF – Farofa Filosófica \(wordpress.com\)](#) > ou < <https://drive.google.com/open?id=1QcVWsP3COHc9liSRpOo6Zsn16YC8HIFh> > Acessos em 22/04/2024.

⁵ Cristiane Souza (UFPR); Daniela Kuhn (UTFPR); Juliana Greca (UTFPR).

produtivos de seus trabalhos. Elas trabalham-dançam-vivem mobilizadas pelo interesse em produzir frestas para passagem de ações mais afetivas, reflexivas e questionadoras, gerando impulso e força motriz que constroem novos sentidos à experiência vivente-artística-docente.

A despeito dos desafios existentes nas universidades públicas brasileiras, as experiências acadêmicas dessas mulheres vêm nutrindo uma proposta de dança com a marca micropolítica da insurreição. Como artistas constroem, cada uma à sua maneira, a possibilidade de tensionar e articular movimento de arte e docência, comprometidas com um posicionamento político pedagógico que, além de problematizar as colonialidades do saber⁶, também dança. Ou seja, movimenta, cria, instiga, propõe, provoca, abre perspectivas. Intentam causar deslocamentos no *status quo*, atuando no sentido de fundir teoria e prática, como sugere Rolnik (2018, p. 38), "pensar e insurgir-se tornam-se um só e a mesma prática; uma não avança sem a outra". Manifestam na dança cotidiana, subjetividades, inquietações, percepções, movimentos que borbulham internamente e pulsam para serem dançados.

•90

Essas mesmas mulheres, após se encontrarem ocasionalmente na plateia da Casa Hoffmann⁷ para assistirem à apresentação de dança "Um beija-flor fantástico: de Esbell a Andrade" de Sylviane Guilherme, durante a Mostra Solar 2022⁸, percebem-se intensamente co-movidas.

As relações afetivas mobilizadas neste encontro, produziram experiências para além de uma apreensão individual codificada no sujeito. Tratava-se da configuração invisível entre corpos, espaços e tempos, os quais juntos entramavam a dimensão sensível-política, ou estético-ética, para (re)territorialização dos fluxos afetivos que ali foram acionados. Dito de outra

⁶Numa perspectiva cartesiana, o verdadeiro saber "denominado racional, foi imposto e admitido no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da modernidade." (QUIJANO, 2009, p.74). Nesse sentido, o conceito 'colonialidades' denuncia as relações de poder constituídas pelo projeto moderno racionalista, universalizado pela colonização política dos territórios. As colonialidades do poder - saber, sentir, entre outras - referem-se à atuação do colonialismo em nosso inconsciente e imaginário, desde onde se replicam formas e forças da essência colonial até hoje.

⁷ Informações disponíveis em < <https://casahoffmann.org/sobre/> > Acesso em 21/04/2024.

⁸ Informações < <http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/mostra-solar-reune-criacoes-de-danca-inspiradas-na-semana-de-22/> > Acesso em 21/04/2024
< <https://casahoffmann.org/wp-content/uploads/2022/07/Casa-Hoffmann-MOSTRA-SOLAR-2022.pdf> > Acesso em 21/04/2024.

forma, constituía-se um plano de composição, dimensionado pelas intensidades afetivas em travessia nos corpos. Para as amigas, os afetos recém experienciados as convocavam a dançar seus corpos como território vivo, sensível e questionador de seu próprio chão. Indagavam: como dançar com honestidade, responsabilidade, amor e coragem tensionando o vestígio colonial maculado em nossos corpos? Como acessar saberes que nos conectem com outras pessoas em solidariedade na teia de uma dança que nos conduza à reflexão, ao aconchego, à terra, ao prazer, à fraternidade?

Imersas à urbanização e industrialização decalcada na vida cotidiana das cidades, as artistas sabem-sentem o impacto causado pela devassidão (neo)colonial, patriarcal e neoliberal. Percebem nas dinâmicas de seus territórios mais próximos, inclusive seus próprios corpos, cartografias vivas desse chão despedaçado. Como lembrar as políticas desse chão? Quais sensibilidades podem ser aguçadas para gerar movimento sensível e criativo? Como (re)territorializar, (re)habitar, anunciar (noss)a natureza desde uma subjetividade que, em hipótese alguma, torturaria os corpos e a terra?

Na intensidade dos desejos que aspiram fraturar as contenções de um chão acimentado, raízes irrompem o caminho terraplanado de vias endurecidas. Desvios na estrutura caminhante da(o) sujeita(o) prestes a tropeçar. As artistas, num momento de partilha íntima de seus desejos, caem, entregam-se à gravidade e juntas decidem “colocar o coração no ritmo da terra” (KRENAK, 2022, p. 118).

•91

3. Planeando, ou lembrando singularidades

Mobilizadas em confrontar, por meio de uma pesquisa de dança, as relações abusivas entre terra e corpo, que as artistas-docentes gestaram a proposta artística Enraizeiras. Esta proposta aflorou de um enfrentamento e posicionamento crítico ao contexto político que ameaçava a democracia brasileira, e infelizmente segue ameaçando, no qual marcas de uma herança colonial e patriarcal estavam ainda mais evidentes, expondo violências históricas imputadas sobre os territórios das terras e dos corpos de mulheres, de pessoas pobres, negras, indígenas.

Foi no bojo dessa inquietação e mobilização subjetiva latente, que identificaram a confluência do território-terra e do território-corpo das mulheres, já anunciado pelo movimento feminista comunitário que, na liderança da

indígena guatemalteca Lorena Cabnal⁹, alerta para o rompimento da relação dinâmica e digna com a vida, logo com os corpos. As brutalidades e o desamor direcionados a esses territórios têm se mostrado como um ataque à amorosidade, à fertilidade, à força arquetípica da mãe que, em muitas culturas, codificamos como “feminino”.

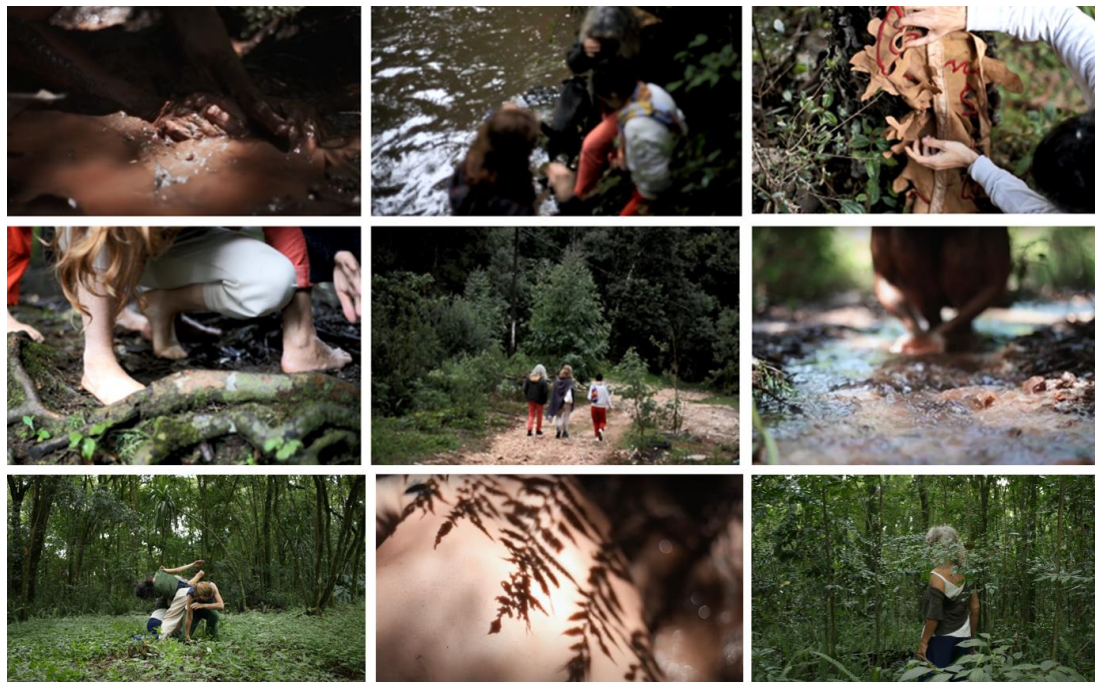
A terra resguarda essas dores e violências, como também, a sabedoria de transmutar e nutrir outras danças para revitalizar um mundo exausto. Danças que nos chamam para a impossibilidade de desistir, para resistir, criar e celebrar a vida. Teimar contra a lógica da pulsão de morte dos tempos atuais e, com o corpo em contato erótico com a terra, venhamos a degustar o encantamento que a vida insiste em revelar.

O feminismo comunitário traz pistas preciosas para adentrarmos nestes conteúdos, Lorena Cabnal (2010), ensina sobre a profunda e inevitável relação da defesa do território-terra e território-corpo das mulheres. Os recorrentes atos violentos em relação à terra e aos corpos das mulheres, configuram estratégias de manutenção das colonialidades do poder e da atualização patriarcal. Defender esses territórios constitui uma conduta de proteção da vida, de engajamento com o resgate de nossa subjetividade que sustenta e constrói as decisões tomadas no cotidiano de cada pessoa. Entendemos que é no sequestro da subjetividade que os preceitos violentos nos encarceram, e que, portanto, é na expansão dessa mesma subjetividade que vamos resistir, como aponta Krenak (2020). Por isso, o plano de composição do movimento, ou terceiro plano de acordo com Lepecki (2010), traduz a necessidade que as artistas-docentes sentiram em adentrar territórios de terra (Figura 1) e misturar seus corpos com estes saberes: ser permeável, afinar a escuta sensível, entregar-se a não linearidade, fazer arte para comunicar possibilidades de vida.

Na mesma medida em que as epistemologias decoloniais adensavam as reflexões de Enraizeiras, também se lembravam as políticas do chão de uma dança contemporânea. Daí sucederam diversos encontros criativos que animaram a experimentação de uma dança cada vez mais impessoal. Ou seja, uma dança fundada na disponibilidade do corpo em se expor a outras subjetividades, outras lógicas, desapegar-se da individualização das narrativas, vulnerabilizar-se em presença silenciosa, sustentar-se em estado permissivo se

⁹ Mais informações sobre Feminismo Comunitário, disponível em <[Húmus - Capítulo 2. Lorena Cabnal: El cuerpo como territorio de defensa | La tinta](#)> Acesso em 12/04/2024.

deixando afetar, permitindo à dança dançar a si mesma, descolonizando aos poucos as muitas camadas do inconsciente e suas facetas personalísticas¹⁰. Como fruto deste movimento, as artistas lograram se “desgrudar” de alguns fluxos do “sujeito em nós”. (ROLNIK, 2016, 2018).



•93

Figura 1. Colagem feita pelas autoras a partir dos registros das experimentações realizadas em Enraizeiras. Fotografias de Drica Possan e Lídia Ueta (antepenúltima e última), 2023.

E nesse outro-novo-ocultado território de si mesmas, colocaram-se disponíveis para correr os riscos das incertezas dos caminhos não lineares, do chão não aplainado, da dilatação instável do próprio conceito de corpo, movimento e, portanto, dança.

¹⁰ Usamos personalística em alusão ao termo capitalístico proposto por Félix Guattari. Entre outras obras onde o termo aparece referenciando a complexidade de uma neocolonialidade entramada pelo capitalismo mundial integrado, citamos especialmente “Micropolítica: cartografias do desejo”(1993).

A intenção de insurgir-se micropoliticamente é a “potencialização” da vida: reapropriar-se da força vital em sua potência criadora. Nos humanos, a reapropriação da pulsão depende de reapropriar-se igualmente da linguagem (verbal, visual, gestual, existencial etc.), o que implica em habitar a linguagem nos dois planos que a compõem: a expressão do sujeito e a do fora-do-sujeito que lhe dá movimento e a transforma (ROLNIK, 2018, p. 132).

Num olhar retrospectivo ao processo de criação, trazendo-o para o presente e situando-o junto aos questionamentos e provocações de Lepecki (2010), diríamos que a busca por como se mover, implicava identificar como e onde a dança estava sendo mobilizada no corpo. E ainda, nutrir a disponibilidade desse corpo diante dos movimentos latentes dessa experimentação. Desacomodar-se e insistir em permanecer neste território de estranhamento¹¹, deixando-se afetar e, atualizar-se cineticamente desde fora-do-sujeito.

•94

O sujeito moderno é aquele que se define como soberano de seu próprio movimento. Simultaneamente dançarino e coreógrafo de seus passos, vai (ou pensa que vai) aonde bem quiser. Nesse ir, ajuda bastante se o chão onde se desloca já foi alisado, de modo que a violência de seu movimento se transforme numa experiência de deslizar relaxante. Ajuda também que a ilusão de autonomia (ser legislador de si mesmo) vá de mãos dadas com a ilusão de automotricidade (ser locomotor de si mesmo), pois a junção de ambas define o sujeito moderno como o exemplo acabado do idiota: aquele sujeito privado, preocupado com suas próprias preocupações, que, na solidão envidraçada de seu carro, ou no isolamento de seu

¹¹ Suely Rolnik (2018) discorre sobre a subjetividade dos sujeitos ocidentais, ou ocidentalizados, e as forças que operam no entramado dessa subjetividade tecida no/pelo inconsciente capitalístico. A intensidade dessas forças, do inconsciente capitalístico, sobrepondo-se aos perceptos e afetos criadores do saber-corpo, destituem o sujeito do saber-do-vivo. Cria-se a ilusão de separação e de descontinuidade do mundo em nós. Entretanto, independente do rompimento causado pela ilusão capitalística que nos fragmenta, o fato é que o mundo vive em nosso corpo. Invariavelmente, o saber-corpo (ocultado ou não) potencializará outros mundos dentro de cada ser, os quais irão buscar formas de expressão. Porém, quando encontram com a esterilidade de uma subjetividade monolítica proveniente do inconsciente capitalístico, o que então desejava expressão se converte em estranhamento. O detalhamento desse processo e aprofundamento dos conceitos usados por Suely, podem ser lidos em: Rolnik, 2018, p. 50-55.

estúdio, ou na privacidade de sua neurose, pensa que vai para onde quer, em terrenos previamente (re)calcados para o exercício pleno de seu delírio cinético (LEPECKI, 2010, p.13-14).

As articulações dramáticas que responderam aos estranhamentos investigados - as quais hoje vemos nitidamente ressoar às discussões do terceiro plano de composição, ou plano do movimento, em choque com a branquitude problematizada no primeiro plano de composição, ou plano do quadrado branco de Feuillet - foram manifestadas, à época, em duzentos quilos de terra que se sobrepuseram à esterilidade do equipamento cultural onde o processo de criação e apresentações de Enraizeiras se deram (Figuras 2 e 3). Tremendo tropeço! Não das dançarinas, mas da equipe de gestão do espaço, a qual reclamava a proteção do chão ameaçado pela terra! “Quando foi que a terra virou sujeira?” (KRENAK, 2022, p. 110). Anúncio co-movente de um território reivindicando devires.



•95

Figura 2. Colagem feita pelas autoras a partir dos registros das experimentações com terra no equipamento cultural disponibilizado para ensaios. Fotografias Lídia Ueta, 2023.

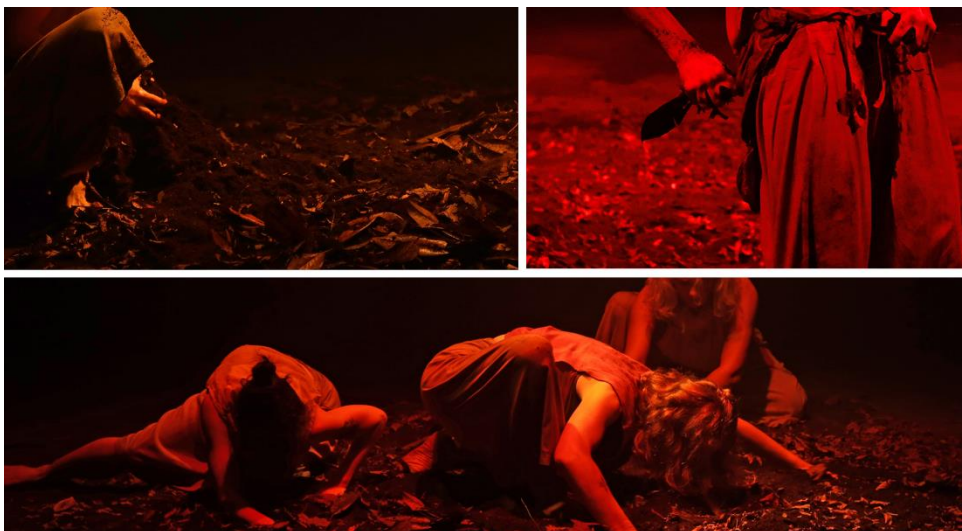


Figura 3. Colagem feita pelas autoras a partir dos registros das apresentações de Enraizeiras na Mostra Solar 2023. Fotografias Lídia Ueta.

•96

3. A (de)colonialidade em nós, ou feminismos lidando com fantasmas

Em cena estão três corpos decodificados femininos, socialmente situados no lado oposto da balança onde pesa o patriarcado. Neste lugar, são corpos em risco, historicamente violentados e submetidos a esta condição. Reagir e resistir tem sido o movimento desses corpos, mulheres criando linhas de fuga em busca de devires desassociados da opressão silenciadora de suas existências e potências. Aqui identificamos três movimentos, os quais na falta ou impossibilidade de uma síntese, movem-se desde uma sinergia potencialmente caótica e/ou paradoxal. Uma cartografia radicalmente viva e quiçá, demasiadamente humana.

Primeiro movimento: quem são “mulheres”? Quais corpos podem ser cooptados por essa identidade? Por que nem as mulheres estão querendo ser mulheres? Se não formos mulheres, o que poderíamos ser? Ou, na contramão dessa ideia, como não ser capturada no gozo do opressor, investindo o desejo num viés essencialista de sacralização e/ou hipervalorização do feminino?

Segundo movimento: estamos a par das armadilhas contidas no discurso de igualdade de gênero? Como não ser cúmplice do *status quo* na reprodução de máscaras de gênero e suas intersecções raciais, sobretudo quando implicadas à divisão de classes? Quais movimentos podem abrir caminho à sobrevivência e uma vida digna?

Terceiro movimento: é possível se mover desde as identidades de gênero sem legitimar a estrutura da qual essas identidades se originam? Como transitar na linha tênue produzida pela ficção gênero, desde onde algumas lutas já estão movimentando o desmoronamento de um mundo generificado, mas que, ao mesmo tempo, não deixa de estar suscetível e reviver sua própria denúncia, a partir de um tipo de categorização dos corpos que, a nós mulheres, rechaça, abusa, humilha, explora, viola, destroça, mata? Em outras palavras: como se mover desconsiderando as identidades de gênero e, a despeito disso, sustentar ações de preservação e cuidado dos corpos femininos-mulheres-fêmeas dos abusos e violações provenientes da estrutura da qual essas identidades se originam e, ainda marcam quais corpos estão passíveis à violência?

•97

Cientes desse complexo panorama, as artistas tinham a seu favor uma trajetória de práxis feminista que as aproximava dos feminismos a partir de vivências junto às artes, movimentos sociais, projetos de extensão, grupos de estudos e pesquisa, práticas pedagógicas e manifestações da cultura popular. Esse largo espectro de circulação e produção de conhecimentos, as ajudou a reconhecer diferentes abordagens e distintos modos de problematizar gênero.

Ainda assim, foi na contemplação¹² que as artistas puderam se desterritorializar e reterritorializar, entrando em contato profundo com seus devires-feministas. “O barulho de comunicação destroi o *silêncio*, furta a linguagem de sua capacidade contemplativa. Desse modo, suas novas

¹² Em seu livro “Vida Contemplativa ou sobre a inatividade”, Byung-Chul Han (2023) discorre sobre os modos de vida delineados pela lógica capitalista e neoliberal que “reduz a vida a uma vida crua, que *trabalha*” (HAN, 2023, p.43). Enfatiza a morte do tempo livre e problematiza a alienação política da sociedade contemporânea, apontando tipos de relações que negligenciam o tempo. “Só na inatividade tomamos consciência do solo em que pisamos e do espaço em que nos encontramos” (HAN, 2023, p.43)

possibilidades de expressão permanecem seladas” (HAN, 2003, p. 42). Tal qual também nos ensina o conceito de ritornelos¹³ em Deleuze e Guattari (1997).

A relação entre ritornelos e devires, está no movimento de cada territorialização como manifestação de um contorno prestes a se desfazer, justamente porque o contorno territorializante é fruto da produção de um tempo capaz de abrigar a percepção das forças que sustentam sua forma (enquanto contorno que territorializa). Esta forma-contorno é capaz de voltar a si mesma para fazer-se outra, reproduzir-se como diferença. Por isso, ritornelo incita a dilatação-criação de tempo, para nele presenciarmos a escuta atenta em relação às forças atuantes na composição das novas-outras-diferentes formas, desvios, devires. Ritornelo nos provoca a seguir caminhando, tal qual a obra *Caminhando*¹⁴ de Lygia Clark citada em Rolnik (2018).

●98 Ritornelos e *Caminhando*, obra que “se efetua na repetição do ato criador de diferença” (ROLNIK, 2018, p. 44), sugerem a cartografia para as travessias do saber-corpo feminista em Enraizeiras. Pois, ao dançarem, as artistas estavam criando temas-dramaturgias de permanência num espaço-tempo implicado ao saber-do-vivo no corpo que dança com a terra. Em um momento dessa experiência as amigas compreenderam Enraizeiras como um ritual, ou seja, um modo de seguir acessando saberes para com eles se transfigurarem, expulsando fantasmas “antro-falo-ego-logocêntricos” (ROLNIK, 2018, p.92).

Em vista de nossa incursão decolonial, onde essa escrita é plano de composição do retorno às micropolíticas de Enraizeiras, vinculamos a ideia de ritual com ritornelo, impulsionando temas-dramaturgias como força de enfrentamento às contenções “fantasmagóricas” (LEPECKI, 2010). Ritornelos para desobstrução do chão, do movimento, do corpo forjado-colonizado¹⁵.

¹³ Sobre Ritornelos, seu conceito e características, ver Deleuze e Guattari, 1997, p. 100-149. Disponível em <https://drive.google.com/open?id=1mHF3YVt_itoVrfY2HkwsA-EsdUke4TeO> Acessado em 22/04/2024.

¹⁴ Sobre a obra *Caminhando* (1963) da artista Lygia Clark, mais informações disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=bWTwfT7AKos>>. Acesso em 17/04/2024.

¹⁵ No texto “Corpo Colonizado”, Lepecki (2003) já anuncia as problematizações que serão posteriormente aprofundadas em “Planos de Composição” (2010). O autor argumenta que junto à configuração das colonialidades que pairam sobre os sujeitos ocidentais e ocidentalizados, também têm sido investidas forças da racionalidade moderna na dança cênica. Forças que reforçam um imaginário performativo desancorado do corpo vivo e suas relações político-afetivas. Entretanto, o texto “Corpo Colonizado” também anuncia a potência descolonizadora da dança. Nas palavras de Lepecki: “Mas, e a dança? A dança, por ser um

Ritornelos cósmicos para reavivar as transfigurações corpo-território da terra e terra-território do corpo.

O ritornelo fabrica tempo. Ele é o tempo “implicado” de que falava o linguista Guillaume. [...] Não há o tempo como forma *a priori*, mas o ritornelo é a forma *a priori* do tempo, que fabrica tempos diferentes a cada vez. [...] um músico precisa de um *primeiro tipo* de ritornelo, ritornelo territorial ou de agenciamento, para transformá-lo de dentro, desterritorializá-lo, e produzir enfim um ritornelo do *segundo tipo*, como meta final da música, ritornelo cósmico de uma máquina de sons. [...] Como construir a partir das *melodias* territoriais e populares, autônomas, suficientes, fechadas sobre si como modos, um novo cromatismo que as faça comunicar, e criar assim “*temas*” que assegurem um desenvolvimento da Forma ou antes um devir das Forças? (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 147-148).

Uma das lembranças, ou lembrança, que essa escrita reaviva, convoca o gesto de pisar o pé na terra. Quando as artistas se moviam percebendo essa matéria viva por baixo de si, conectando-se com o cheiro, temperatura e textura, despertavam um convite-fenda para irem desistindo de insistir em ter um contorno tão específico, abrindo campos potentes para o imaginário e encantamento. A pequena coletiva de três mulheres ressoava acolhimento, possibilitando a retroalimentação. Juntas, burlavam o autoboicote. Porque sim, houve relatos de que, ali e aqui, ressurgiam censuras e linearidades de ideias que teimavam em querer colocar o chão liso de volta na sola dos pés. Um fantasma persistente que aos poucos foi perdendo sua força.

•99

4. Devires Baubo

A relação das artistas com a terra foi reconhecida como acolhedora lembrança e sentida como dispositivo para um corpo-sem-órgãos, o qual “não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama

estar-intenso-no-mundo, mesmo participando desta trama, possui um potencial incrível para denunciar esta farsa. A dança pode se pensar enquanto crítica ativa do estado silencioso dos corpos colonizados” (LEPECKI, 2003, p.11).

organismo” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 19). Um convite às pessoas ritualizarem a possibilidade do próprio corpo ser uma celebração da vida. Evocarem mundos subterrâneos, escandalizarem-se consigo mesmas, cavocarem o riso para si, desfrutarem o gozo de quem são. Recuperarem a estesia como princípio ético-estético vivo e visceral. Desembotar os sentidos, recuperar a qualidade da experiência sensorial, presenciar as dimensões afetivas aí criadas, borrar os contornos do organismo em que foram confinadas.

Essa é a potência micropolítica da dança e da arte. Princípio movente-criativo-estético-ético-feminista de Enraizeiras. Uma dança que apresenta a presença do território-corpo-colonizado, desmanchando-se em corpo-território-terra.

•100

Ruptura com o paradigma corpo-máquina, o qual segue entranhado até mesmo nos corações revolucionários daquelas(es) que pensam as epistemologias da transformação social. Discursos que problematizam o poder, mas que não se desterritorializam do inconsciente racionalista maquinico, ainda que estejam a discutir exatamente sobre isso. Como exemplo, podemos ler uma crítica ao modelo moderno de sociedade que, apesar da relevância da análise, ignora completamente uma abordagem epistemológica do corpo: “a sociedade como uma estrutura em que as partes se relacionam segundo as mesmas regras de hierarquia entre os órgãos, de acordo com a imagem que temos de todo organismo e em particular o humano” (QUIJANO, 1992, p. 17) (tradução nossa).¹⁶

Denúncias que identificam relações hierárquicas na sociedade, sem, contudo, darem-se conta da corporeidade de onde tais relações germinam. Sem desmerecer as relevantes contribuições das ciências humanas, consideramos importante destacar a ausência de apontamentos que também desvelam as contribuições das bio-lógicas como (somato)política de controle. A despolitização das epistemologias do corpo, configuram a fragmentação-identificação-função das engrenagens sociais a serem incorporadas. Neste sentido, não podemos mais tolerar a invisibilização do corpo, e suas subjetividades, sendo (re)produzida desde dentro das lutas contra-hegemônicas, sobretudo decoloniais.

¹⁶ No original: la sociedad como una estructura en que las partes se relacionan según las mismas reglas de jerarquía entre los órganos, de acuerdo con la imagen que tenemos de todo organismo y en particular del humano. (QUIJANO, 1992, p. 17).

De acordo com Rolnik (2018), a maioria da produção de conhecimento que visa transgredir o *status quo* não rompe com o viés da racionalidade moderna, apenas a problematiza. Discussões que não incluem o corpo como território micropolítico, o qual a macropolítica não poderia prescindir. Esse território colonizado, forjado em organismo-máquina do qual se manifestam corpos desencantados, disciplinados e esgotados (PATZDORF, 2021), conforma-se como território onde se faz possível a conversão de toda vitalidade em objeto utilitário e/ou rentável para sobrevivência na estrutura capitalista, situando a vida como peça de engrenagem. Enraizeiras rompe com a racionalidade moderna, evoca devires Baubo (Figura 4) e experimenta paradigmas de um “corpo-coisa” (LEPECKI, 2010).

[...] balançando os quadris de um jeito que sugeria a relação sexual, e balançando os seios nessa sua pequena dança. E, quando Deméter a viu, não pôde deixar de sorrir um pouco. A fêmea que dançava era realmente mágica, pois não tinha nenhum tipo de cabeça, seus mamilos eram seus olhos e sua vulva era sua boca. Foi com essa boquinha que ela começou a regalar Deméter com algumas piadas picantes e engraçadas. Deméter começou a sorrir, depois deu um risinho abafado e em seguida uma boa gargalhada. Juntas, as duas mulheres riram, a pequena deusa do ventre, **Baubo**, e a poderosa deusa mãe da terra, Deméter. E foi exatamente esse riso que tirou Deméter da sua depressão e lhe deu energia para prosseguir na sua busca pela filha [...] O mundo, a terra e o ventre das mulheres voltaram a vicejar. (ÉSTES, 1994, p. 421) (grifo nosso).

•101

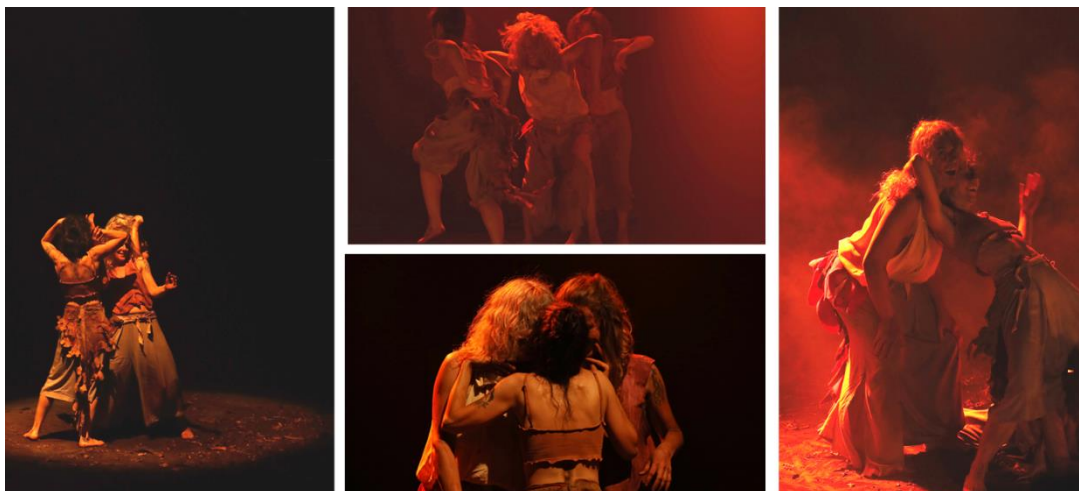


Figura 4. Colagem feita pelas autoras a partir dos registros das apresentações de Enraizeiras na Mostra Solar 2023. Fotografias Lídia Ueta.

•102

Baubo nunca duvida da pulsão de vida. Das profundezas vem nos convocar a degustar a força coletiva do riso e do prazer, esgarçando a personalidade comportada, passiva e frígida que se encapsulou em nosso ventre. É o riso da obscenidade de Baubo que faz com que se restaure a fertilidade da terra, lembrando o gozo, sabedoria tão estranha à civilidade. Uma coisa do corpo, avessa à estagnação, que tem abrigo na morada sem portas, sem teto, sem paredes, corpo-coisa que dilui suas ilusórias fronteiras. A contribuição do arquétipo de Baubo se fez “na sua capacidade de soltar o que estava muito preso, de fazer dissipar a melancolia, de trazer ao corpo uma espécie de humor pertencente não ao intelecto, mas ao próprio corpo, de manter desobstruídas as passagens” (ESTÉS, 1994, p. 418).

Então, desfrutar o prazer de não ter importância nas miseráveis e obtusas coisas da pessoinha encapsulada em dramas individuais e, ainda assim, dançar a revolução por si mesma e por todas.

Referências

CABNAL, Lorena; ASCUR – Las Segovias. **Feminismos diversos**: el feminismo comunitário. España, ASCUR – Las Segovias, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v.4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

ÉSTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

HAN, Byung-Chul. **Vida contemplativa**: ou sobre a inatividade. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEPECKI, André. O corpo colonizado. **GESTO**: Revista do Centro Coreográfico do Rio, vol. 3, n. 2. Rio de Janeiro: RioArte, p. 7-11, jul. 2003.

_____. Planos de composição. In: GREINER, Christine; ESPÍRITO SANTO, Cristina; SOBRAL, Sonia. (Orgs). **Cartografia**: Rumos Itaú Cultural Dança 2009-2010. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. p. 12-20.

•103

PATZDORF, Danilo. Artista-educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. In. **Urdimento**, Florianópolis, v.1, n.40, p.1-28, mar/abr, 2021

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In MENEZES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Souza (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. (p. 73-117)

_____. Colonialidad y modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (org) **Los conquistados**. Tercer Mundo Ediciones. 1992. (p.437-449).

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

_____. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

•104

Como Citar

ENRAIZEIRAS: lembrando políticas do chão. ouvirOUver, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 85–104, [s.d.].

DOI: [10.14393/OUV-v20n2a2024-73331](https://doi.org/10.14393/OUV-v20n2a2024-73331). Disponível

em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouer/article/view/73331>. Acesso em: 23 dez. 2025.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.